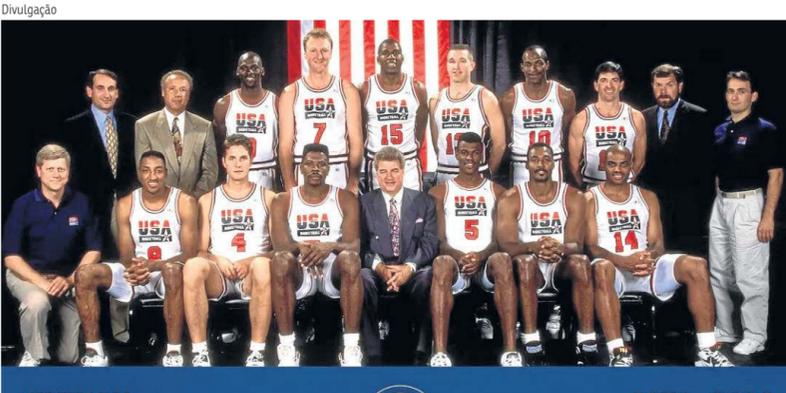


ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



Saiba como o ex-ala Grant Hill, ouro em Atlanta-1996, domou vaidades e convenceu os maiores astros da NBA a se unirem para evitar vexames como o de Atenas-2004 e rivalizar com a formação histórica de Barcelona-1992



O Dream Team I liderado por Michael Jordan, Magic Johnson e Larry Bird nos Jogos de Barcelona-1992

O Dream Team IX comandado pelo técnico Steve Kerr tem LeBron James, Kevin Durant e Stephen Curry

A mente por trás do Dream Team

MARCOS PAULO LIMA

Divulgação USA Basketball

O medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta-1996 Grant Hill está para os Jogos Olímpicos de Paris-2024 como o cantor e produtor estadunidense Lionel Richie para a música pop em 1985. Sem eles, dois times dos sonhos não teriam sido montados para concertos internacionais inesquecíveis.

Em 1985, Richie teve paciência de Jó para reunir alguns dos maiores astros da época em um projeto beneficente: a gravação da clássica canção *We are the World* em busca de doações para África. Os bastidores são contados no documentário *A noite que mudou o pop* (Netflix). Stevie Wonder, Paul Simon, Kenny Rogers, James Ingram, Tina Turner, Billy Joel, Michael Jackson, Diana Ross, Dionne Warwick, Willie Nelson, Al Jarreau, Bruce Springsteen, Kenny Loggins, Steve Perry, Daryl Hall, Huey Lewis, Cindi Lauper, Kim Carnes, Bob Dylan e Ray Charles toparam o convite.

Hill incorporou Richie e praticamente bateu de porta em porta para montar o Dream Team masculino de basquete para representar os Estados Unidos daqui a 10 dias na Olimpíada da França. O poder de persuasão do diretor administrativo domou as vaidades de LeBron James, Stephen Curry, Kevin Durant, Joel Embiid, Anthony Edwards, Anthony Davis, Devin Booker, Jayson Tatum, Jrue Holiday, Bam Adebayo, Tyrese Haliburton e Derrick White e os convenceu a vestir a mesma "jersey" em busca de diversão, arte e da 17ª medalha de ouro em 20 participações no megaevento.

O plano de Hill era rivalizar com o primeiro Dream Team, aquele de Barcelona-1992 com Michael Jordan, Magic Johnson e Larry Bird formando a santíssima trindade do basquete à época. Com uma câmera e camisas nas mãos e uma ideia na cabeça, o ex-jogador colocou o pé na estrada como se fosse um carteiro entregando correspondências. Em Boston, "invadiu" as casas de Tatum e Holiday com uma equipe de filmagem



e flagrou a entrega do uniforme como símbolo da convocação. Houve troca de abraços no sim ao projeto de voltar a formar um time dos sonhos e não dos pesadelos como na campanha da última Copa do Mundo. Em 2023, o país terminou em quarto lugar atrás da campeã Alemanha, da vice Sécia e do terceiro colocado Canadá.

"Nós simplesmente sabíamos que esse era o time que queríamos", disse Hill no "chá de revelação" do Dream Team em entrevista ao *The Athletic*.

O encaixe das peças seguiu uma lógica. Kevin Durant é o maior cestinha de todos os tempos da seleção masculina de basquete dos EUA (435 pontos). Ostenta três medalhas de ouro olímpicas (2012, 2016 e 2020) ao lado de Carmelo Anthony. É bicampeão da NBA e ex-MVP da liga.

Não menos ambicioso, LeBron James ostenta dois ouros (2008 e 2012), um bronze (2004), é o recordista de pontos (40.474) da NBA, tetracampeão da liga, quatro vezes eleito MVP e maior fofinha de todos os tempos em participações no All-Star Games — o Jogo das Estrelas da competição.

Hill mexeu com os brios de outros dois astros. Stephen Curry não tem medalha de ouro olímpica. O currículo estampa dois títulos da Copa do Mundo (2010 e 2014), quatro anéis da NBA, dois MVP's e o maior arremessador de três pontos da história (3.747 pontos). MVP na temporada de 2023/2024, o camaronês naturalizado estadunidense Joel Embiid jamais disputou um torneio internacional.

Inspirado no Dream Team e Jordan, Johnson e Bird em Barcelona-1992 e no Redem Team de Kobe Bryant em Pequim-2008, os EUA querem evitar o único fiasco desde a adesão dos astros da NBA à Olimpíada: o bronze em Atenas-2004. No documentário *A noite que mudou o pop*, o recado "deixe seu orgulho lá fora" dava boas vindas aos astros antes do acesso ao estúdio. Grant Hill diz o mesmo em outras palavras. Reunimos pessoas que entendem que não se trata de mim, mas de nós, e que tudo o que importa é ganhar uma medalha de ouro".

Doping deixa o Brasil sem atleta na maratona

O maratonista Daniel Ferreira do Nascimento, o Danielzinho, testou positivo para três substâncias proibidas, de acordo com a lista de atletas suspensos provisoriamente pela Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD), atualizada ontem. Único brasileiro classificado para a disputa da maratona em Paris-2024, Danielzinho está fora da Olimpíada.

Em teste fora de competição, realizado em 4 de julho deste ano, foi

detectada a presença das seguintes substâncias proibidas: drostanolona, metenolona e nandrolona. Grazielle Zarri, namorada de Danielzinho, também aparece na lista de atletas suspensos provisoriamente.

Apontado como sucessor de grandes maratonistas brasileiros como o brasileiro Marilson Gomes (bicampeão da Maratona de Nova York), Vanderlei Cordeiro de Lima (bronze em Atenas-2004) e Ronaldo

da Costa (ex-recordista mundial da maratona), Danielzinho tem 25 anos e obteve o índice olímpico em Hamburgo, na Alemanha, em abril de 2023.

Ele terminou em terceiro lugar na Maratona de Seul, em 2022, quando marcou 2h04min51, recorde sul-americano, e se tornou o atleta não nascido na África mais rápido do mundo na prova. No Pan de Santiago-2023, o brasileiro não participou da prova dos 10.000 metros. Ele alegou que se

atrasou para pegar o ônibus em direção o estádio.

Drostanolona, Metenolona, Nandrolona são três hormônios anabolizantes, portanto são usados com o intuito de aumentar força, potência muscular, acelerar recuperação muscular do atleta. As outras são metabólitos", explicou o médico especialista em medicina no esporte Francisco Tostes, atuante em endocrinologia, em entrevista ao porta GE.

CBA1



Danielzinho era único brasileiro na prova